

OSWALD

**Coordenação editorial**

JORGE SCHWARTZ E GÊNESE ANDRADE

◊ REI\* DA VELA

# OSWALD DE ANDRADE

**Uma perspectiva crítica  
sobre Oswald de Andrade**

DÉCIO DE ALMEIDA PRADO

***O Rei da Vela***

RENATO BORGHI

***O Rei da Vela: Manifesto do Oficina***

JOSÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA

Copyright © 2017 by herdeiros de Oswald de Andrade

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

PESQUISA, REVISÃO E ESTABELECIMENTO DO TEXTO OSWALDIANO: Gênese Andrade

CRONOLOGIA: Orna Messer Levin

CAPA E PROJETO GRÁFICO: Elisa von Randow

CARICATURA DO AUTOR: Loredano, *Oswald de Andrade*, 2015. Nanquim sobre papel, 21 x 29,7 cm, publicada em *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 jan. 2017.

QUARTA CAPA: Nonê (Oswald de Andrade Filho), *Retrato de Oswald de Andrade*, década de 1960.

Capa da segunda edição de *O Rei da Vela*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

PREPARAÇÃO: Maria Fernanda Alvares

REVISÃO: Ana Maria Barbosa e Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Andrade, Oswald de, 1890-1954

O Rei da Vela / Oswald de Andrade. — 1ª ed. — São Paulo :  
Companhia das Letras, 2017.

Inclui: Uma perspectiva crítica sobre Oswald de Andrade /  
Décio de Almeida Prado / O Rei da Vela / Renato Borghi / O Rei  
da Vela: Manifesto do Oficina / José Celso Martinez Corrêa.

ISBN 978-85-359-2929-4

1. Teatro brasileiro I. Prado, Décio de Almeida. II. Borghi,  
Renato. III. Corrêa, José Celso Martinez.

---

17-03900

CDD-869.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Teatro : Literatura brasileira

869.2

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)



# ΣΥΜΛΑΪΟ

## **O REI DA VELA**

15 1<sup>o</sup> Ato

38 2<sup>o</sup> Ato

60 3<sup>o</sup> Ato

73 **NOTA SOBRE O ESTABELECIMENTO DE TEXTO**

## **FORTUNA CRÍTICA**

77 Uma perspectiva crítica sobre Oswald de Andrade

*Décio de Almeida Prado*

82 Posfácio — *O Rei da Vela*

*Renato Borghi*

91 *O Rei da Vela*: Manifesto do Oficina

*José Celso Martinez Corrêa*

105 Leituras recomendadas

107 Cronologia

◊ REI\*  
DA  
VELA

PEXA EM TRÊS ATOS

*A Álvaro Moreyra  
e  
Eugênia Álvaro Moreyra*

*na dura criação  
de um enjeitado — o teatro  
nacional,  
O. A.*

*São Paulo, junho, 1937*

# PERSONAGENS DRAMÁTICOS

**ABELARDO I**

**ABELARDO II**

**HELOÍSA DE LESBOS**

**JOANA conhecida por JOÃO DOS DIVÃS**

**TOTÓ FRUTA-DO-CONDE**

**CORONEL BELARMINO**

**D. CESARINA**

**D. POLOQUINHA**

**PERDIGOTO**

**O AMERICANO**

**O CLIENTE**

**O INTELLECTUAL PINOTE**

**A SECRETÁRIA**

**DEVEDORES, DEVEDORAS**

**O PONTO**





*EM SÃO PAULO. Escritório de usura de Abelardo & Abelardo. Um retrato da Gioconda. Caixas amontoadas. Um divã futurista. Uma secretária Luís XV. Um castiçal de latão. Um telefone. Sinal de alarma. Um mostruário de velas de todos os tamanhos e de todas as cores. Porta enorme de ferro à direita correndo sobre rodas horizontalmente e deixando ver no interior as grades de uma jaula. O Prontuário, peça de gavetas com os seguintes rótulos: MALANDROS — IMPONTUAIS — PRONTOS — PROTESTADOS. — Na outra divisão: PENHORAS — LIQUIDAÇÕES — SUICÍDIOS — TANGAS.*

*Pela ampla janela entra o barulho da manhã na cidade e sai o das máquinas de escrever da antessala.*

*Abelardo I, Abelardo II e o Cliente*

**ABELARDO I** *(sentado em conversa com o Cliente. Aperta um botão, ouve-se um forte barulho de campainha)* Vamos ver...

**ABELARDO II** *(veste botas e um completo de domador de feras. Usa pastinha e enormes bigodes retorcidos. Monóculo. Um revólver à cinta)* Pronto, seu Abelardo.

**ABELARDO I** Traga o dossiê desse homem.

**ABELARDO II** Pois não! O seu nome?

**O CLIENTE** *(embaraçado, o chapéu na mão, uma gravata de cor-da-no-pescoço magro)* Manoel Pitanga de Moraes.

**ABELARDO II** Profissão?

**O CLIENTE** Eu era proprietário quando vim aqui pela primeira vez. Depois fui dois anos funcionário da Estrada de Ferro Sorocabana. O empréstimo, o primeiro, creio que foi feito para o parto. Quando nasceu a menina...

**ABELARDO II** Já sei. Está nos IMPONTUAIS. *(entrega o dossiê reclamado e sai)*

**ABELARDO I** *(examina)* Veja! Isto não é comercial, seu Pitanga! O senhor fez o primeiro empréstimo em fins de 29. Liquidou em maio de 1931. Fez outro em junho de 31, estamos em 1933. Reformou sempre. Há dois meses suspendeu o serviço de juros... Não é comercial...

**O CLIENTE** Exatamente. Procurei o senhor a segunda vez por causa da demora de pagamento na Estrada, com a Revolução de 30. A primeira foi para o parto. A criança já tinha dois anos. E a Revolução em 30... Foi um mau sucesso que complicou tudo...

**ABELARDO I** O senhor sabe, o sistema da casa é reformar. Mas não podemos trabalhar com quem não paga juros... Vivemos disso. O senhor cometeu a maior falta contra a segurança do nosso negócio e o sistema da casa...

- O CLIENTE** Há dois meses somente que não posso pagar juros.
- ABELARDO I** Dois meses. O senhor acha que é pouco?
- O CLIENTE** Por isso mesmo é que eu quero liquidar. Entrar num acordo. A fim de não ser penhorado. Que diabo! O senhor tem auxiliado tanta gente. É o amigo de todo mundo... Por que comigo não há de fazer um acordo?
- ABELARDO I** Aqui não há acordo, meu amigo. Há pagamento!
- O CLIENTE** Mas eu me acho numa situação triste. Não posso pagar tudo, seu Abelardo. Talvez consiga um adiantamento para liquidar...
- ABELARDO I** Apesar da sua impontualidade, examinaremos as suas propostas...
- O CLIENTE** Mas eu fui pontual dois anos e meio. Paguei enquanto pude! A minha dívida era de um conto de réis. Só de juros eu lhe trouxe aqui nesta sala mais de dois contos e quinhentos. E até agora não me utilizei da lei contra a usura...
- ABELARDO I** (*interrompendo-o, brutal*) Ah! meu amigo. Utilize-se dessa coisa imoral e iníqua. Se fala de lei de usura, estamos com as negociações rotas... Saia daqui!
- O CLIENTE** Ora, seu Abelardo. O senhor me conhece. Eu sou incapaz!
- ABELARDO I** Não me fale nessa monstruosidade porque eu o mando executar hoje mesmo. Tomo-lhe até a roupa, ouviu? A camisa do corpo.
- O CLIENTE** Eu não vou me aproveitar, seu Abelardo. Quero lhe pagar. Mas quero também lhe propor um acordo. A minha situação é triste... Não tenho culpa de ter sido dispensado. Empreguei-me outra vez. Despediram-me por economia. Não ponho minha filhinha na escola porque não posso comprar sapatos para ela. Não hei de morrer de fome também. Às vezes não temos o que comer em casa. Minha mulher agora caiu doente. No entanto, sou um homem habilitado. Tenho

procurado inutilmente emprego por toda a parte. Só tenho recebido não enormes. Do tamanho do céu! Agora, aprendi escrituração, estou fazendo umas escritas. Uns biscates. Hei de arribar... Quero ver se adiantam para lhe pagar.

**ABELARDO I** Mas enfim, o que é que o senhor me propõe?

**O CLIENTE** Uma pequena redução no capital.

**ABELARDO I** No capital! O senhor está maluco! Reduzir o capital? Nunca!

**O CLIENTE** Mas eu já paguei mais do dobro do que levei daqui...

**ABELARDO I** Me diga uma coisa, seu Pitanga. Fui eu que fui procurá-lo para assinar este papagaio? Foi o meu automóvel que parou diante do seu casebre para pedir que aceitasse o meu dinheiro? Com que direito o senhor me propõe uma redução no capital que eu lhe emprestei?

**O CLIENTE** (*desnortado*) Eu já paguei duas vezes...

**ABELARDO I** Suma-se daqui! (*levanta-se*) Saia ou chamo a polícia. É só dar o sinal de crime neste aparelho. A polícia ainda existe...

**O CLIENTE** Para defender os capitalistas! E os seus crimes!

**ABELARDO I** Para defender o meu dinheiro. Será executado hoje mesmo. (*toca a campainha*) Abelardo! Dê ordens para executá-lo! Rua! Vamos. Fuzile-o. É o sistema da casa.

**O CLIENTE** Eu sou um covarde! (*vai chorando*) O senhor abusa de um fraco, de um covarde!

*Menos o Cliente*

**ABELARDO I** Não faça entrar mais ninguém hoje, Abelardo.

**ABELARDO II** A jaula está cheia... seu Abelardo!

**ABELARDO I** Mas esta cena basta para nos identificar perante o público. Não preciso mais falar com nenhum dos meus

clientes. São todos iguais. Sobretudo não me traga pais que não podem comprar sapatos para os filhos...

**ABELARDO II** Esse está se queixando de barriga cheia. Não tem prole numerosa. Só uma filha... Família pequena!

**ABELARDO I** Não confunda, seu Abelardo! Família é uma coisa distinta. Prole é de proletário. A família requer a propriedade e vice-versa. Quem não tem propriedades deve ter prole. Para trabalhar, os filhos são a fortuna do pobre...

**ABELARDO II** Mas hoje ninguém mais vai nisso...

**ABELARDO I** É a desordem social, o desemprego, a Rússia! Esse homem possuía uma casinha. Tinha o direito de ter uma família. Perdeu a casa. Cavasse prole! Seu Abelardo, a família e a propriedade são duas garotas que frequentam a mesma *garçonnière*, a mesma farra... quando o pão sobra... Mas quando o pão falta, uma sai pela porta e a outra voa pela janela...

**ABELARDO II** A família é o ideal do homem! A propriedade também. E d. Heloísa é um anjo!

**ABELARDO I** Você sabe que não há outro gênero no mercado. Eu não ia me casar com a irmã mais moça que chamam por aí de garota da crise e de João dos Divãs. Nem com o irmão menor que todo mundo conhece por Totó Fruta-do-Conde!

**ABELARDO II** Um degenerado...

**ABELARDO I** Coisas que se compreendem e relevam numa velha família! Heloísa, apesar dos vícios que lhe apontam... Você sabe, toda a gente sabe. Heloísa de Lesbos! Fizeram piada quando comprei uma ilha no Rio, para nos casarmos. Disseram que era na Grécia. Apesar disso, ela ainda é a flor mais decente dessa velha árvore bandeirante. Uma das famílias fundamentais do Império.

**ABELARDO II** O velho está de tanga. Entregou tudo aos credores.

**ABELARDO I** Que importa? Para nós, homens adiantados que só conhecemos uma coisa fria, o valor do dinheiro, comprar esses

restos de brasão ainda é negócio, faz vista num país medieval como o nosso! O senhor sabe que São Paulo só tem dez famílias?

**ABELARDO II** E o resto da população?

**ABELARDO I** O resto é prole. O que eu estou fazendo, o que o senhor quer fazer é deixar de ser prole para ser família, comprar os velhos brasões, isso até parece teatro do século XIX. Mas no Brasil ainda é novo.

**ABELARDO II** Se é! A burguesia só produziu um teatro de classe. A apresentação da classe. Hoje evoluímos. Chegamos à espinafração.

**ABELARDO I** Bem. Veja o *bordereau*... O Banco devolveu muita coisa?

**ABELARDO II** Xu! Um colosso! Estamos no vinagre, seu Abelardo!

**ABELARDO I** Vamos...

**ABELARDO II** ( *lendo* ) Cinco contos setecentos e setenta. Dr. Carlos Magalhães de Moraes Benevides Fonseca. Chapa única... Reforma-se? Não paga juros há dois meses.

**ABELARDO I** Reforma-se.

**ABELARDO II** Antunes & Lapa... três contos... já protestei. Mangioni... Luiz. O bicheiro... Dr. João Carlos de Menezes Rocha... dois contos...

**ABELARDO I** Pro protesto.

**ABELARDO II** Barão de Gama Lima, quinhentos mil-réis...

**ABELARDO I** Pro protesto!

**ABELARDO II** Moura Melo... setecentos mil-réis.

**ABELARDO I** Pro protesto!

**ABELARDO II** Abraão Calimério... dez contos.

**ABELARDO I** Pro protesto!

**ABELARDO II** Carlos Peres... Esta já foi pro pau ontem...

**ABELARDO I** Ele não pediu reforma?

**ABELARDO II** Não.

**ABELARDO I** E por quê?

**ABELARDO II** Tomou dois copos de limonada com iodo. Está aqui no jornal. (*procura*) Diz que está em estado de coma, na Santa Casa...

**ABELARDO I** Mande o Benvindo fazer a penhora. Depressa. Antes que ele morra e a venda feche...

**ABELARDO II** Está certo. Esta é... daquele funcionário público, o Pires Limpo... Ele está limpo e de pires! Mandou a filha aqui.

**ABELARDO I** Bonita?

**ABELARDO II** Pancadão! Dezoito anos... Cada dente deste tamanho.

**ABELARDO I** Mandou a filha? O mês passado veio a mulher.

**ABELARDO II** Eu vi. Jeitosa... Mas muito faladeira. Queria saber onde é que o senhor morava, falou na compra da ilha no Rio, onde o senhor vai se casar. Que ia levar de avião uma porção de gente de São Paulo.

**ABELARDO I** (*batendo o pé numa grande caixa de papelão*) Que é isto aqui?

**ABELARDO II** Fôrmas de chapéu. (*mostra o castiçal de latão*) A penhora de Mme. Lanale. Só tinha isso e aquele candelabro. Quase que não dá para pagar os tiras que ajudaram.

**ABELARDO I** E os móveis...

**ABELARDO II** Ficaram despedaçados na rua. Eram duas peças velhas, de ferro. Foi um escândalo. O estado-maior teve que agir duro. O povo queria se opor. Juntou gente...

**ABELARDO I** Que estado-maior?

**ABELARDO II** Os oficiais de justiça...

**ABELARDO I** Mas o exemplo ficou!

**ABELARDO II** E frutificará.

**ABELARDO I** A rua inteira sabe que penhorei porque não me pagaram 200\$000. A cidade inteira sabe. Talvez gastasse mais nisso... Que importa? *Dura Lex*, aprendi isso na Faculdade de Direito!

**ABELARDO II** Queria que o senhor visse a choradeira! A viúva berrava na janela: — *Gli orfani! Gli orfani! Non abbiamo piu lavoro!*

**ABELARDO I** O quê?

**ABELARDO II** Ela queria dizer que os órfãos não tinham mais o que comer. Tiramos os instrumentos de trabalho.

**ABELARDO I** Manhosa...

**ABELARDO II** Só se pode prosperar à custa de muita desgraça. Mas de muita mesmo...

**ABELARDO I** Se não for assim como garantirei os meus depositantes? Se não tiro do outro lado? Ofereço juro que os bancos não pagam. Os juros que só alguns pagavam nos bons tempos. Quatro e até cinco por cento ao ano!

**ABELARDO II** Também o dinheiro corre para aqui!... Lá embaixo a seção bancária está assim!

**ABELARDO I** Ofereço boas garantias. E também exijo boas garantias, quando empresto...

**ABELARDO II** A cinco e dez por cento ao mês... Por filantropia! (*o telefone*) É seu irmão.

**ABELARDO I** Meu advogado.

**ABELARDO II** (*no fone*) Sim senhor. Está. (*para Abelardo*) Diz que entrou no Fórum com três executivos. Está chamando o senhor...

**ABELARDO I** (*ao fone*) Como? Sou eu... Abelardo. O Teodoro? Quer se prevalecer da lei de usura! Grande besta! E pede reforma! Linche esse camarada. Ponha flite nele e acenda um fósforo! (*bate o fone*) Pro pau com esse bandido! Lei contra a usura! Miseráveis! Bolchevistas! Por isso é que o país se arruína. E há um miserável que quer se aproveitar dessa iniquidade.

**ABELARDO II** Leis sociais...

**ABELARDO I** Súcia de desonestos. Intervir nos juros. Cercar o sagrado direito de emprestar o meu dinheiro à taxa que eu



quiser! E que todos aceitam. Mais! Que vêm implorar aqui! Sou eu que vou buscá-los para assinar papagaios? Ou são eles que todos os dias enchem a minha sala de espera? Abra a jaula!

*Abelardo II obedece de chicote em punho. A porta de ferro corre pesadamente.*

*Mais clientes*

*Os clientes aparecem atropeladamente nas grades. É uma coleção de crise, variada, expectante. Homens e mulheres mantêm-se quietos ante o enorme chicote de Abelardo II.*

**ABELARDO I** Rua! Nem mais um negócio! Vou fechar esta bagunça.

**AS VOZES** (*da jaula*) Pelo amor de Deus! Por caridade! Eu não posso pagar o aluguel! Reforme! Vou à falência!

**ABELARDO I** Rua! Ninguém mais pode trabalhar num país destes! Com leis monstruosas!

**AS VOZES** Eu tenho que fechar a fábrica! Não poderei pagar os duzentos operários que ficarão sem pão! Tenha piedade! Inclua os juros no capital! Damos excelentes garantias!

**ABELARDO I** (*a Abelardo II*) Feche esta porta! Não atendo ninguém!

*Abelardo II faz estalar o chicote de domador*

**AS VOZES** Blefaremos o governo! Me salve! Me salve!

**ABELARDO I** Rua! Canalhas! Lá fora sei como vocês me tratam!

*Abelardo II fá-los recuar das grades, brandindo o chicote e ameaçando com o revólver*

**UMA VOZ DE MULHER** Ai Jesus! Não temos o que comer! Eu não saio daqui! Espero até à noite! Estou arruinada!

**AS VOZES IRRITADAS** (*Abelardo II procura fechar a porta de ferro*) Canalha! Sujo! Tirou o nosso sangue! Ladrão! Não saímos daqui!

**UM ITALIANO** Pamarona! Momanjo isto capitalista!

**UMA FRANCESA** Sale cochon! Si c'est possible! Con!

**UM RUSSO BRANCO** Svoloch!

**UM TURCO** Jóge paga batéca! Non izacuta Jóge...

**AS VOZES** (*em coro*) Assassino!

**ABELARDO I** Feche! Atire!

*Abelardo II dá um tiro para o ar. Os clientes recuam gritando. Ele corre a porta de ferro ruidosamente.*

**AS VOZES** (*abafadas*) Cão! Rei da Vela! Pão-duro!

**UMA VOZ DE MULHER** (*gritando do outro lado da porta*) Meu marido bebeu estricnina!

**OUTRA** Minha mãe tomou lisol!

**OUTRA** Meu pai se jogou do viaduto!

**ABELARDO I** Lisol! Estricnina! Viaduto! É do que vocês precisam, canalhas!

*Menos o Cliente*

*Telefone*

**ABELARDO II** (*atendendo*) Alô! É o padre! Aquele da entrevista! Está, reverendo! Vem já...

**ABELARDO I** Mas você marcou?

**ABELARDO II** Não marquei nada.

**ABELARDO I** (*toma o fone*) Bom dia, reverendo! Sou eu mesmo. Abelardo... Ah! Com muitíssima honra... Esperarei vossa reverendíssima. Pode ser às quatro horas? Então... sem dúvida... Beijo-lhe as mãos! Sempre às suas ordens. (*depõe o fone*) Este padre é engraçado... Não me larga... Eu não sou eleitor... Ele não quer dinheiro...

**ABELARDO II** Quer a sua alma...

**ABELARDO I** Evidentemente é um caso raro. Um homem preocupar-se comigo sem ser logo à vista... Quanto?

**ABELARDO II** Ele prefere tratar desde já do seu testamento.

**ABELARDO I** Inútil. Eu morro ateu e casado.

**ABELARDO II** É isso mesmo que ele quer. A viúva cuidará bastante de sua alma que terá ido... para o purgatório...

**ABELARDO I** Diga-me uma coisa, seu Abelardo, você é socialista?

**ABELARDO II** Sou o primeiro socialista que aparece no Teatro Brasileiro.

**ABELARDO I** E o que é que você quer?

**ABELARDO II** Sucedê-lo nessa mesa.

**ABELARDO I** Pelo que vejo o socialismo nos países atrasados começa logo assim... Entrando num acordo com a propriedade...

**ABELARDO II** De fato... Estamos num país semicolonial...

**ABELARDO I** Onde a gente pode ter ideias, mas não é de ferro.

**ABELARDO II** Sim. Sem quebrar a tradição.

**ABELARDO I** Se for preciso, o padre leva a sua alma também... Está certo... Vamos examinar aquelas propostas. (*senta-se e lê*) Carmo Belatine...

**ABELARDO II** É aquele da fábrica de salsichas... O frigorífico... Que comprou o terreno da Lapa.

**ABELARDO I** Idade?

**ABELARDO II** Trinta e nove anos.

**ABELARDO I** Nível de vida?

**ABELARDO II** Nível baixo ainda. Faz a barba na terrina da sopa, com sabão de cozinha e gilete de segunda mão...

**ABELARDO I** Já fala o português?

**ABELARDO II** Ainda atrapalha.

**ABELARDO I** Gasta menos do que tira dos trabalhadores?

**ABELARDO II** Muito menos!

**ABELARDO I** Tem filhos grandes?

**ABELARDO II** Pequenos ainda.

**ABELARDO I** Em bons colégios?

**ABELARDO II** Sim. Oiseaux, Sion, São Bento.

**ABELARDO I** Bem. Tome nota. Emprestamos enquanto os pequenos estudarem. Quando as filhas começarem o serviço militar nas *garçonnières*, e o pequeno tiver barata, e Madame souber se vestir, emprestaremos então de preferência à costureira de Madame. O velho aí terá mudado de nível. Possuirá automóvel, casa no Jardim América. Cessaremos pouco a pouco todo o crédito. Nem mais um papagaio! Ele virá aqui caucionar os títulos dos comerciantes a quem fornece. Executarei tudo um dia. Levarei a fábrica, os capitais imobilizados e o ferro-velho à praça.

**ABELARDO II** E a mulher dirá que foram os operários que os arruinaram.

**ABELARDO I** E foram de fato. Eu conto como fator essencial dessas coisas as exigências atuais do operariado. O salário mínimo. As férias. Que diabo. As tais leis sociais não hão de ser só contra o capital...

**ABELARDO II** Não são não. Descanse. Eu entendo de socialismo. Olhe. A lei de férias só deu um resultado. Não há mais salário de semana ou de mês. É por dia de trabalho, ou por contrato. Somando bem, os domingos, feriados e dias de doença eram mais que as férias de hoje.

**ABELARDO I** Bem. Guarde esta ficha nos Firmes. Feche o negócio. A mesma taxa. O sistema da casa. Chame a Secretária nº 3. Quero ditar uma carta.

*Abelardo II sai*

*Abelardo I e a Secretária nº 3*

**A SECRETÁRIA** *(é uma moça, longa, de óculos e tranças enormes e loiras. Veste-se pudicamente. Traz lápis e blocknotes na mão)*  
É para bater à máquina, seu Abelardo?

**ABELARDO I** Não. Para estenografar. Nem isso. A senhora sabe redigir. Melhor do que eu. Faça uma carta. Sente-se aí. *(sentam-se perto um do outro)* D. Aída... Aída loira... Aída de Wagner. Como é? Não precisa de um Radamés?

**A SECRETÁRIA** Preciso que o senhor melhore o meu ordenado. O custo da vida aumentou no Brasil de trinta por cento.

**ABELARDO I** Tenho todo interesse pelo custo de sua vida... Mas a senhora sabe... As vidas hoje estão difíceis para todos... Não é mais como antigamente... Que tranças!... Eu acabo me enforcando nessas tranças!... Deixa? *(procura tocar-lhe os cabelos)*

**A SECRETÁRIA** Tenha modos, seu Abelardo!

**ABELARDO I** Deixa? Malvada!

**A SECRETÁRIA** Nunca. Eu sou romântica. Não vendo o meu amor!

**ABELARDO I** Vamos fazer um piquenique... *(aponta o divã sob a Gioconda)* Debaixo daquela mangueira?

**A SECRETÁRIA** Eu sou noiva.

**ABELARDO I** Eu também.

**A SECRETÁRIA** Mas eu sou fiel...

**ABELARDO I** Bem! Depois não venha fazer vales aqui, hein. Eu também sei ser fiel ao sistema da casa. Vá lá. Redija! Não.

Tome nota. Olhe. É uma carta confidencial. A um tal Cristiano de Bensaúde. Industrial no Rio. Metido a escritor. Redija sem erros de português. O homem foi crítico literário e avançado, quando era pronto... Ele me escreveu propondo frente única contra os operários. Responda em tese (*a secretária toma nota*), insinue que é melhor ele ser um puro policial. Manter vigilância rigorosa nas fábricas. Evitar a propaganda comunista. Denunciar e perseguir os agitadores. Prender. Esse negócio de escrever livros de sociologia com anjos é contraproducente. Ninguém mais crê. Fica ridículo para nós, industriais avançados. Diante dos americanos e dos ingleses. Olhe, diga isto. Que a burguesia morre sem Deus. Recusa a extrema-união. Cite o exemplo do próprio Vaticano. Coisas concretas. A adesão política da igreja contra um bilhão e setecentos milhões de liras, o ensino religioso e a lei contra o divórcio. Toma lá, dá cá. Não vê que um alpinista como Pio XI põe anjos em negócios. Vá redigir e traga logo. Para seguir hoje... Ver se esse homem deixa de atrapalhar. Um sujeito feudal. Vítima do seu próprio sistema. Paga um salário medieval, 20\$000 por quinzena.

**A SECRETÁRIA** (*voltando-se da porta*) Ga-ra-nhão! (*sai esbarrando em Heloísa de Lesbos que, vestida de homem, entra como a manhã lá de fora*)

*Menos a Secretária, mais Heloísa*

**ABELARDO I** (*rindo*) Você! Meu amor! Na hora do expediente!

**HELOÍSA** O nosso casamento é um negócio...

**ABELARDO I** Por isso vieste de Marlene?

**HELOÍSA** Mas não há de ser um negócio como esses que você faz com esse bando de desesperados que saiu daí vociferando... Estão ainda muitos lá embaixo. Há mulheres idosas, moças, turcos, italianos, russos de prestação, uma fauna de hospício...

**ABELARDO I** Ingratos! Matei-lhes a fome! Dei-lhes ilusões!

**HELOÍSA** E agora os trata assim!

**ABELARDO I** Para te dar uma ilha. Uma ilha para você só!

*Mais Abelardo II*

**ABELARDO II** (*entrando*) Há um aí que não quer sair. Está resistindo. É cliente novo.

**ABELARDO I** Quem é?

**ABELARDO II** Um intelectual. Diz que não sai sem vê-lo. Quer fazer a sua biografia, ilustrada. Com fotografias. Diz que dará um bom livro. Grosso!

**ABELARDO I** Mande entrar. Quero vê-lo.

*Mais o Intelectual Pinote*

**PINOTE** (*entra de chapéu de poeta na mão. Uma gravata lírica. Sorrindo. Mesuras. Traz uma faca enorme de madeira como bengala*) Bom dia, mestre.

**HELOÍSA** (*dá um grito lancinante*) Ai! A faca!

**ABELARDO I** Desarme esse homem! Ora essa! (*Abelardo II atira-se sobre o Intelectual e arranca-lhe a faca simbólica*) Deixar entrar gente com armas aqui!

**PINOTE** (*escusando-se humildemente*) É inofensiva... de pau!

**ABELARDO I** Confesse que o senhor planejou um atentado! Confesse!

**PINOTE** Absolutamente! Por quem o senhor está me tomando. É uma faca profissional, inofensiva, não mata...

**ABELARDO II** (*examinando*) Está cheia de sangue... sangue coagulado...

**PINOTE** Umas facadinhas... para comer... (*a um gesto de Abelardo I, senta-se. Abelardo II permanece ao fundo, segurando com as*